

LIPMAN, Mathew. **A filosofia vai à escola.** 2 ed. São Paulo: Summus, 1990. V:39.

LORIERI, Marcos Antônio. **Filosofia no ensino fundamental-** São Paulo: Cortez, 2002 (Coleção Docência em Formação).

LORIERI, Mario Antonio. **Filosofia no ensino Fundamental.** São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção docência em formação).

MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília : MEC, 2000.

SILVA, Franklin et al. **O ensino da filosofia no segundo grau.** São Paulo: Sofia / SEAF, 1986.

SIMON, Maria Célia. **A Política no 2º Grau.** In: HUHNE, Leda Miranda (org.) **Política da Filosofia no 2º Grau.** São Paulo: Sofia/SEAF, 1986.

TELES, *Maria Luiza Silveira.* **Filosofia para jovens: uma iniciação à filosofia –** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.

ARANTES, Paulo et al. **A filosofia e seu ensino**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, São Paulo: EDUC, 1995.

Coleção Logos : Aristóteles: **a plenitude como horizonte do Ser**.

DANIEL, Marie-France., **A Filosofia e as Crianças**. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

DEMO, Pedro. **Introdução à Metodologia da Ciência**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1987.

Fundamentos da Filosofia. (Apostila)

KOHAN, W e WUENSH, A .- **A Filosofia e as Crianças**: a tentativa pioneira de Matthew Lipman. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

KOHAN, Walter (org). **Filosofia e infância**: possibilidades de um encontro. Petrópolis: Vozes, 1999. (série filosofia e crianças:V.3).

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia para crianças**: A tentativa pioneira de Matthew Lipman. Petrópolis , Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

_____ (org). **Filosofia na escola Pública**. Petrópolis: Vozes, 2000.(série filosofia e criança:V.2).

_____ (org). **Filosofia no ensino médio** Petrópolis : Vozes, 2000.

_____. **Filosofia para crianças**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia Científica**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LIPMAN, M, SHARP, A e OSCANYAN, F.S. – **A Filosofia na Sala de Aula**, Tradução de Ana Luiza Falcone. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

Bibliografia

de esclarecer o entendimento dos homens a respeito dos problemas morais e sociais de sua época.

Ao terminar este trabalho monográfico, posso dizer que fiquei mais interessada pela filosofia do que antes, realmente estudar esses filósofos não é fácil, talvez seja esse o mistério da filosofia, quanto mais difícil, mais desafiante mais interessante se torna, claro, isso para quem gosta de desafios.

Esse desafio é que faz com que nos tornamos mais aguçados para buscarmos novos conhecimentos, novos desafios e assim crescermos cada dia mais como pessoas que não tem medo do desconhecido. Quanto mais aprendemos mais queremos aprender. Foi através dela que descobri que o conhecimento é o desvendar, o esclarecimento da realidade, pois o conhecimento de que trata a filosofia, é um retorno reflexivo da elaboração cognitiva sobre si mesmo, isto é, o conhecimento passa a ser o seu próprio objeto. Desta forma, diríamos que o conhecimento é uma análise crítica da linguagem ou simbolismo em que a realidade é expressa.

Por todas essas razões é que vejo a importância do estudo da Filosofia no Ensino Fundamental e Médio, para que formemos grandes homens e mulheres aptos para enfrentar o futuro que é para nós o desconhecido, pessoas capazes de administrar sua vida com mais firmeza, de conduzirem sozinhos e confiantes. Os filósofos do passado, através de suas teorias, falam-nos a fim de permitir uma experiência pessoal da realidade, tornando-nos sensíveis a toda riqueza da totalidade daquilo que é. Entretanto, é importante que pegamos os pensamentos dos filósofos que nos precederam, de maneira crítica e criativa.

A filosofia faz parte de nossa vida, desde o nosso nascimento e não percebemos isso, a não ser quando estamos mais velhos, sabemos que educação significa formação e é isso que nossos pais fazem desde quando nascemos, são eles os nosso primeiros educadores, quando cuidam de nós, dando-nos assistência, amor e carinho, falando e nos orientando, isso é filosofia.

Sabemos que o homem é um ser complexo, um somatório de experiências passadas e não só se lembra destas experiências, como registra, no inconsciente, tudo o que se refere à sua cultura, sua história e às suas tradições. Ele vive num mundo de símbolos e significações e uma das tarefas da filosofia é

Conclusão

Buscava, assim, discutir a filosofia exatamente no mesmo sentido em que ela era ministrada, salvo raríssimas exceções, até os anos sessenta, relegando os discursos que vinham das associações de professores de Filosofia, que pediam por sua volta como reforço de uma educação para a cidadania, compreendida com o processo de redemocratização do país. Os encontros de professores e departamentos de Filosofia, assim como de estudantes universitários dessa área do saber, proporcionaram a “massa crítica” necessária para a discussão da questão – sempre em polêmicos e acalorados debates que acabaram por animar parlamentares, tanto em nível estadual quanto federal, a apresentar projetos de lei prevendo o ensino da Filosofia no nível médio, seja de forma facultativa ou obrigatória.

Precisamos hoje de uma educação de outra ordem. Uma educação voltada para o conhecimento, e não para a informação. Informação se consegue hoje de forma rápida e atrativa nas mais diversas mídias, em especial na Internet. Mas o conhecimento, não. Se ainda há um sentido para a escola, é justamente o de desenvolver as habilidades de onde e como encontrar as informações e como transformá-las em conhecimento.

suscitava. O ensino da filosofia se interessa hoje em diante não mais pela elite intelectual e social, mas pelo conjunto de todos os alunos sem exceção. Como diz J. Derrida existe “um direito a filosofia” que é um elemento essencial à educação, a cidadania. Não se trata somente, como em Lipman, de desenvolver o pensamento crítico e criativo e de se constituir a turma numa “comunidade de investigação”, mas também de lançar as bases de uma sociedade republicana onde, para além das divergências, os valores de tolerância, de justiça e de solidariedade estejam fundados na razão. O foco, portanto não é somente epistemológico, mas também moral.

A história do ensino de Filosofia na educação média brasileira é repleta de altos e baixos. Desde as origens do nosso sistema educacional, com a saída dos jesuítas do país, ela está presente, a cada momento servindo a diferentes interesses; mas também desde este mesmo momento que essa presença jamais é definitiva: não são poucos os momentos em que a disciplina desaparece de nossos currículos do ensino médio, sob as justificativas e os argumentos mais diferentes.

Ensinou-se quase sempre no Brasil, nas escolas de nível médio, uma filosofia marcada pela ausência de raízes culturais, alheias às condições sociais e ao contexto histórico da realidade do país. Aliás, esse ensino nada mais era do que um reflexo do que se fazia no Brasil em termos de filosofia (mas não só em filosofia). Uma produção que se limitava a explicitar e a contar a história da filosofia produzida na Europa ou que, chegasse a uma reflexão sobre grandes questões colocadas pelos filósofos europeus, sem, entretanto, confrontá-las com o contexto histórico brasileiro.¹⁰

A ação do MEC, ao afirmar a importância da filosofia no ensino médio, dá-se, pois, no contexto de uma tentativa de reformular esse nível do ensino com a perspectiva de uma orientação mais “humanista e generalista”, após o naufrágio da orientação de criar um ensino profissionalizante, através da Lei Nº 5.692/71.

9KOHAN, Walter Omar. *Filosofia para crianças: A tentativa pioneira de Matthew Lipman*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998. pág 79.

encontro com o que é buscado. Por isso, a filosofia é o conhecimento do conhecimento. O conhecimento nos leva a uma apropriação da realidade, que se manifesta em três planos distintos:

- no plano da consciência – crença (acreditamos que aquela idéia seja verdadeira);
- no plano da linguagem – interpretação (a expressão da percepção da realidade);
- no plano social – ação programada e consciente sobre a realidade.

O ensino da filosofia (como parte do ensino formal) é organizado pelo Estado e é confiado a professores que são também servidores do Estado. Neste sentido terão uma responsabilidade institucional em prol da manutenção da ordem. Caberá a eles colocar os limites da manifestação do pensamento crítico permitida, ou seja, deverão conjurar os poderes e os perigos que a livre circulação do discurso filosófico supõe e o eventual surgimento do incontrolado (ou aleatório).

Para Foucault, a educação, através do discurso pedagógico, constitui um aspecto-chave nos dispositivos de disciplina e normalização. Em função disto, o docente de filosofia se encontra em uma situação de tensão entre a demanda institucional de cumprir com o objetivo “político” do ensino (a normalização) e a pretensão de formar pessoas com atitude crítica, capazes de “desnaturalizar” a ordem social, que a prática filosófica não deveria renunciar. Dificilmente a filosofia na escola pode deixar de ocupar um lugar paradoxal. Por um lado, estimula-se a formação de estudantes críticos e criativos, mas por outro lado direciona-se seus pensamentos e ações. O ensino filosófico tradicional, que convinha muito bem aos alunos oriundos de meios favorecidos, os quais tinham crescido num banho cultural que os fazia aptos para compreender o curso magistral e para submetê-los as regras da dissertação, foi objeto de uma contestação crescente. Esta se manifestava tanto pela agitação quanto pela indiferença, as duas marcando uma profunda decepção com respeito à filosofia em relação às expectativas que ela

teve a sua melhor descrição feita por Espinosa.

A filosofia de Espinosa gerou novas controvérsias relativas à definição do que é filosofia, vindo dos vários cantos da Europa, os filósofos do século das luzes, dentre os quais mencionamos: Kant, Hegel e Vico. Para Vico, a imaginação já é o nascimento da filosofia, não sendo possível atingir as idéias claras e distintas sem levar em conta que a imaginação é também parte constitutiva da razão.

Entre as coisas que o filósofo “deve saber determinar” Kant inclui “a extensão do uso possível e útil de todo saber”. Inclusive, o saber filosófico. Assim, as perguntas que costumam fazer-nos: Para que serve a filosofia? Por que ensinar filosofia? Que razões há para existir uma matéria como filosofia no ensino médio? São perguntas legítimas. Perguntas modernas. Perguntas filosóficas.

Os antigos sábios gregos eram sensatos. O filosofar é um ato insensato que vem a ser o cúmulo da sensatez, a irresponsável responsabilidade de questionar todos os saberes. Neste sentido a nossa época também é filosófica por excelência, ao instalar a crise do saber. Obriga a pensar de volta, a repensar velhos saberes. Obriga a repensar velhos problemas, por exemplo, a pensar de volta o saber e a educação, e o lugar do nosso estranho saber em novos contextos. Que no melhor dos casos apontam para visualizar a necessidade de formar gente sábia, e de formar gente filosofante: gente que seja, com muito amor, com muita vontade, com toda força, as duas coisas contraditórias que isso implica. E num contexto de fortes poderes que não querem isso.

A filosófica na vida das pessoas, tanto no dia a dia como nas escolas, consiste em tomar como objeto da consciência o próprio ato de consciência das coisas, de buscar o significado imutável das coisas em si. Ela é uma atitude, um ato de reflexão e apreensão, metodicamente controlado. A filosofia introduzida no ensino médio faz com que os alunos busquem respostas, desenvolvam e reflitam sobre as suas curiosidades, ou seja ela não é uma conclusão a respeito de nada, mas, mais apropriadamente, uma colocação, um debate. Pois ao filosofar, avivamos nossa própria luz interior, fazemos um exercício de aproximação e de

...Deve-se...(criar) um tipo único de escola (...) que conduza o jovem até os umbrais da escolha profissional, formando-o entrementes como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir e de encontrar quem dirige...⁹

(Antonio Gramsci)

A escola, principalmente no Ensino Médio, passa por uma crise profunda de sentido. Existe evasão, reprovação, violência impressa nas mais diversas formas, falta de significação do que é educar. A filosofia poderá ter um papel decisivo neste contexto de perplexidade ao questionar, retomar, mergulhar nessa realidade, tornando-a objeto de sua reflexão, levando os alunos a refletirem sobre aquilo que estão fazendo muitas vezes de modo mecânico.

Uma interferência dos professores, no sentido de explorar as possibilidades da filosofia, é discutir e compreender os pressupostos e as concepções de filosofia, que estão presentes na sua prática. Sem isso continua se ensinando História da Filosofia, sem postura filosófica, atendendo apenas a necessidade imediata de alunos e professores. Ela precisa tornar-se interdisciplinar, enfrentando os desafios em parceria com outras áreas de conhecimento. Há uma demanda no ambiente escolar, sob pena de se perder a oportunidade e banalizar a luta histórica de tantas pessoas que buscaram ver a filosofia presente no “currículo” e nas atitudes dos cidadãos.

Somente na modernidade a questão do ensino da filosofia, encontrou novo interesse, podendo o seu ensino ter início em idade mais precoce. Tal constatação fez surgir um problema prático: a formação do homem deve começar o mais cedo possível. O dilema do homem moderno pode ser resumido pela exigência de adequação entre a duração da vida e a gama sempre crescente dos conhecimentos necessários para uma existência virtuosa. Não foi por acaso que os filósofos no liminar da modernidade tomaram prioritamente para reflexão a questão de métodos, a filosofia primeira é vista do ponto de vista instrumental, servindo para a aquisição da sabedoria e, assim, os modernos romperam com a ordem estática da filosofia antiga. A filosofia identificada com a razão instrumental

⁹KOHAN, Walter Omar. *Filosofia para crianças*: A tentativa pioneira de Matthew Lipman. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998. pág 98.

CAPÍTULO IV

4. A FILOSOFIA NO ENSINO Médio

nos permite atinar com os significados ou os sentidos que, de alguma forma, estão dados na realidade.

Essa não é uma tarefa fácil (embora, necessária), visto que a realidade é complexa em suas relações e inter-relações. Mas a única forma de apreender o seu sentido é estar apreendendo as relações que a constituem. E, se essas relações são dinâmicas, isto é, estão sempre se refazendo e se modificando, o nosso pensamento precisa saber estar atento e ser competente para apreendê-las nesse seu dinamismo.

Afirmar isso, em segundo lugar é afirmar também uma possibilidade especial do pensar: a de produzir ou criar novas relações e, portanto, a de os seres humanos poderem produzir novas significações ou sentidos para a realidade e, por conseguinte, para suas vidas, visto que fazem parte do processar-se da realidade e, nela, podem ser agentes transformadores. O educador deve saber identificar as habilidades que estão sendo exigidas em cada situação, identificar seu emprego integrado e ser capaz de oferecer mediação educacional no sentido de estimular o desenvolvimento delas e seu emprego cada vez mais competente.

Para que uma pessoa possa pensar da maneira acima apontada, é necessário que tenha desenvolvido suas *habilidades de pensamento*. Trata-se de saber fazer algo. Há vários “algo” que precisamos fazer para pensar: observar, perceber, perguntar, indagar, analisar, classificar, seriar, catalogar, sintetizar, imaginar, supor, formular hipóteses, constatar, provar, argumentar, refletir, repensar, adicionar, subtrair, multiplicar, dividir, relacionar, seqüenciar, inferir, pressupor, definir, conceituar, traduzir, contextualizar, etc. Parece consenso afirmar que todas as pessoas sabem fazer essas atividades mentais, ou atividades de pensamento. Parece consenso também afirmar que nem todas as realizam bem, especialmente quando precisam articulá-las para produzir um pensamento claro, objetivo, seguro, profundo, consistente, etc. Daí as propostas de que sejam desenvolvidas as habilidades de pensamento. É comum, hoje, a afirmação de que é necessária uma educação para o pensar. Na verdade, o que se propõe é que haja uma educação para pensar bem, já apontadas. Partilhamos dessa convicção e propomos que os professores de modo geral, e os de Filosofia, em especial, sejam estimuladores do “pensar bem” de seus alunos, auxiliando-os de várias maneiras. Uma delas é a de favorecer, em suas aulas, o desenvolvimento das habilidades de pensamento.

Lipman sustenta que “o fortalecimento do pensar na criança deveria ser a principal atividade das escolas e não somente uma consequência casual”(1995, p. 11).

Isso significa afirmar que não se deve supor que, apenas trabalhando os conteúdos das várias disciplinas, automaticamente o pensar dos alunos vai ser desenvolvido e fortalecido. Significa, também, afirmar que é preciso oferecer atividades voltadas intencionalmente ao cultivo do “pensar bem”.

Para ele, pensar é o processo de descobrir relações (pois tudo é resultado de múltiplas relações)e é, também, o processo de criar ou imaginar novas relações, se deseja um real diverso do que aí está. “Pensar é fazer associações e pensar criativamente é fazer associações novas e diferentes” (idem, p.140)

Afirmar isso é afirmar, primeiro, que pensar é o processo de descobrir relações existentes na realidade e de representá-la em nossa consciência: isso

3.2...Desenvolvendo
habilidades básicas
de pensamento

Desenvolver o “pensar por si próprio”, ou seja, o pensamento autônomo e com as características da reflexividade, da criticidade, da radicalidade, da contextualização e da criatividade. Não é, nem nunca foi fácil, dizer o que é pensar. Mas é algo que todos fazemos, ou que precisamos fazer.

O pensamento acompanha a vida e é ele mesmo a quintessência desmaterializada do estar vivo. E uma vez que a vida é um processo, sua quintessência só pode residir no processo real do pensamento, e não em quaisquer resultados sólidos ou pensamentos específicos. Uma vida sem pensamento é totalmente possível, mas ela fracassa em fazer desabrochar sua própria essência – ela não é apenas sem sentido; ela não é totalmente viva. Homens que não pensam são como sonâmbulos. (Arendt, 1995, p.143).⁸

O pensamento é a busca e a produção do significado, ao passo que o conhecimento é o processo de busca e de produção da verdade. Homens que não pensam perdem a habilidade de conhecer, porque perdem “a capacidade de formular todas as questões respondíveis”, que são as que fazem acontecer o conhecimento. E isso porque perderam a capacidade de formular as questões irrespondíveis, ou seja, a habilidade de pensar.

O pensar é necessário; precisa ocorrer com as características apontadas e pode correr o risco de não acontecer a contento. Daí a atenção que a reflexão filosófica dá a essa atividade da consciência humana. Em tal atenção, muitas indicações são fornecidas, especialmente para que o processo educativo se empenhe, também, no desenvolvimento de um “pensar bem”; isto é, um pensar com algumas características que possam garanti-lo como um pensamento hábil, e não inábil. Fala-se, hoje, em uma “educação para o pensar”, que ofereça subsídios para que os alunos “pensem por si mesmos”; ou seja, tenham um “pensamento autônomo” e, além disso, tenham um pensamento que seja reflexivo, crítico, profundo, contextualizado e criativo.

8. LORIERI, Marcos Antônio – *Filosofia no Ensino Fundamental* . pág.92.

3.1..Desenvolver o
"Pensar por Si
Próprio"

complexo e muito amplo, nunca estará construído nas pessoas como toda a clareza: mais quanto mais nos aproximamos dele, com esforços sucessivos de compreensão, mais claro ele vai se tornando. E melhor ele poderá ser utilizado como referência significativa nas várias situações.

Pois bem, no ensino da Filosofia, queremos que nossos alunos formem diversos conceitos importantes e sempre abrangentes por sua significação. Alguma compreensão desses conceitos é sempre requerida nas várias situações de vida humana, assim como sua utilização nos ajuizamentos a elas inerentes e nas conseqüentes orientações para as condutas. Tal compreensão nunca se dá de uma só vez. Dá-se aos poucos, progressivamente, por aproximações sucessivas. Mas ela tem de se dar. Ainda que assim, aos poucos, em cada momento da vida.

Amadurecer como seres humanos implica, também, amadurecer a compreensão de muitas idéias. Como o amadurecimento é progressivo, também o é a compreensão das idéias: há que haver paciência pedagógica. Só que isso não significa nada fazer. Significa o contrário: estar fazendo sempre, progressivamente. No caso do ensino da filosofia, isso significa estar fazendo sempre, desde o mais cedo possível. Caso contrário, as aproximações tardias serão abruptas e pouco redundarão em benefício de construções abrangentemente sólidas.

Há que trabalhar os conceitos próprios das várias áreas temáticas da filosofia, desde o mais cedo possível, dentro do limite das possibilidades das crianças e jovens. Os limites de possibilidades existem: por isso mesmo, as possibilidades ali estão. Dentro de limites, mas estão. Há que começar aí e progredir por aproximações sucessivas. Até porque, como foi mostrado em alguns exemplos, desde o mais cedo da vida, as crianças são solicitadas a ter alguma compreensão de muitos desses conceitos, pois é muito freqüente elas estarem envolvidas informalmente em contextos nos quais esses conceitos são utilizados.

Tomemos um exemplo,. Sabemos que vivemos em um mundo. Sabemos que estamos nele. Mas o que é esse “mundo” no qual dizemos que estamos?

Pensemos em uma criança de seis ou sete anos. Ela tem uma idéia de mundo mais restrita que a de um adulto e, por sua vez, já bem mais ampliada que a de outra criança de 4 anos. Se conversamos com uma criança de 4 anos e perguntamos o que é o mundo, talvez ela nos diga que o mundo é o lugar onde vivemos e onde as coisas estão. É tudo, talvez ela diga. Se lhe perguntamos onde as coisas estão, talvez nos diga que as coisas estão em vários lugares. Ela particulariza “lugares”, isto é, pequenos ou grandes conjuntos que congregam vários elementos ou partes. Assim dirá que certas coisas ficam nas casas, outras ficam nas escolas, outras ficam nas ruas, outras ficam nas florestas ou, talvez, diga que ficam na natureza. Esses “lugares”, pequenos ou grandes conjuntos, são totalidades nas quais situamos coisas, pessoas, animais, plantas, etc. São “totalidades menos amplas” que totalidades como mundo, universo, realidade, etc.

O mesmo pode ocorrer se perguntamos a essa criança de quatro anos onde as pessoas ficam. Talvez ela diga que as pessoas ficam nas famílias ou nas casas, mas às vezes ficam fora de casa para trabalhar ou para ir à escola. Cada pessoa faz sentido nessas totalidades menos amplas: na família, na escola, no local de trabalho. Uma totalidade mais ampla, como a idéia de sociedade, é mais difícil de ser construída nesse momento. No entanto, ela já começa a se formar: até porque o termo sociedade já é utilizado e as crianças são envolvidas no seu uso. Entre essa idéia mais ampla, como a de sociedade, e as idéias de casa, rua onde mora, família, escola, local de trabalho dos adultos estarão sendo construídas, progressivamente, outras idéias como as de vizinhança, de bairro, de conjunto de pessoas ricas ou pobres, de pessoas agrupadas por ocupações, de cidade, de cidades maiores ou menores, de estado ou de país ou até de continente.

Imaginemos, agora, uma escola que, intencionalmente, trabalha esse conceito de maneira reflexiva. Há uma nova aproximação: agora mais bem pensada. É um passo a mais na construção desse conceito. Como é um conceito

Quando criança e jovens estão juntos, buscando esclarecer conceitos não muito claros, construir uma informação ou conhecimento a respeito de algo, decidir se um comportamento ou uma atitude é a mais adequada, etc., o envolvimento deles é surpreendente, como é surpreendente o esforço que têm de fazer para:

- Dizer exatamente o que pretendem dizer;
- Escutar e entender o que os outros dizem;
- Formular questões e hipóteses;
- dar razões para suas afirmativas ou para suas concordâncias e discordâncias;
- Rebater, com argumentos, as discordâncias dos outros em relação a seus pontos de vista;
- Autocorrigir-se, quando convencidos pelos argumentos dos outros de que seus pontos de vista não são verdadeiros ou completos;
- Fazer análise e síntese a todo momento;
- Elaborar mentalmente tudo isso e ser capazes de expressar verbalmente este conjunto de elaborações.

Afora esses, há também produtos éticos importantes quando se participa de uma comunidade de investigação, em que o diálogo e não a disputa é a regra:

- Aprende-se a respeitar os pontos de vista dos outros;
- Aprende-se que o próprio ponto de vista tem o mesmo peso e valor que os dos outros;
- Aprende-se a respeitar a vez dos outros e a exigir respeito pela própria vez;
- Aprende-se a respeitar combinadas;
- Aprende-se que as regras podem ser discutidas e modificadas, mas são necessárias para a vida comum;
- Aprende-se que todos somos iguais;
- Aprende-se que todos somos igualmente dignos de respeito; etc.

As “respostas já dadas” devem, preferencialmente, ser as dos chamados grandes filósofos. Mas esses textos, as posições dos filósofos não podem ser apresentadas como “última palavra” sobre o assunto. São, com todo o peso que têm, uma posição a ser analisada e avaliada.

Levar em consideração a palavra do outro não significa simplesmente concordar ou fazer de conta que concorda. Significa considerar: primeiro, se a entendi bem; segundo se entendi as razões que a fundamentam; terceiro, se concordo com o que foi dito, pela força das razões apresentadas; quarto, se isso é igual ou é diferente do que eu já pensava sobre o tema; se igual, eu reforço em mim o que penso e, se diferente, verifico a diferença e, aí, posso discordar do outro (apresentando razões para tanto) ou posso concordar, modificando o que eu pensava a respeito. Nessa última situação, fiz uma modificação baseada em argumentos ou razões boas para tal: fiz uma autocorreção, uma correção do meu pensamento.

O fazer Filosofia exige conversação, diálogo e comunidade, que não são compatíveis com o que se requer na sala de aula tradicional. A filosofia impõe que a classe se converta numa comunidade de investigação, onde estudantes e professores possam conversar como pessoas e como membros de uma mesma comunidade; onde possam ler juntos, apossar-se das idéias conjuntamente, construir sobre as idéias dos outros; onde possam pensar independentemente, procurar razões para seus pontos de vista, explorar suas pressuposições; e possam trazer para suas vidas uma nova percepção do que é descobrir, inventar, interpretar e criticar.⁷

O paradigma da investigação filosófica é, segundo Lipman, o que oferece o melhor preparo para tal. A Filosofia é ela mesma, por excelência, educativa porque, além de trabalhar tesouros culturais próprios, realiza estudo próprio da forma como pensamos e produz referências importantes para o “pensar melhor”: tanto em relação aos seus conteúdos quanto em relação aos de qualquer outra área. Além disso, se realizada uma investigação filosófica compartilhada, dialogicamente, os resultados educacionais são prometedores.

7. LORIERI, Marcos Antônio – *Filosofia no Ensino Fundamental* . pág. 80.

Os conteúdos da filosofia são temáticas que se apresentam na forma de certas perguntas e para as quais há diversas respostas, algumas das quais presentes com mais força no cultural de cada época histórica. Essas temáticas precisam estar sempre sendo examinadas, avaliadas e, eventualmente, reelaboradas ou mesmo substituídas. Não só: faz parte dos conteúdos da Filosofia uma maneira própria de trabalhar as temáticas, as perguntas e as respostas. Essa maneira própria, ou o método torna-se conteúdo à medida que ele é constantemente examinado, estudado, avaliado e reconstruído. Há, aqui, algumas idéias importantes e, ao mesmo tempo, problemáticas—como tudo na Filosofia. No entendimento de conteúdos do ensino de Filosofia, incluímos certas temáticas, questões ou perguntas, respostas diversas, exames, avaliação, reelaboração e substituição de respostas e métodos de investigação filosófica...⁵

Em aulas de filosofia, esses temas precisam estar presentes; os conceitos básicos, a eles relacionados, precisam ser utilizados com compreensão cada vez mais clara; perguntas antigas e novas, relativas a esses temas, devem ser provocação para a investigação filosófica; e as “respostas” dadas a essas questões pelos chamados grandes filósofos devem ser visitadas e revisitadas como caminhos que indicam, também, por onde andar e como andar no caminho filosófico. É necessário que, em aulas de filosofia para crianças e jovens, se faça um trabalho especial com os temas, questões, conceitos e “respostas” já dadas. Esse trabalho, mais do que um ensino das respostas deve ser uma investigação motivada por questões pertinentemente filosóficas (o que se aprende a fazer), relativas a temas filosóficas e que levem em conta “respostas” eventualmente já dadas a essas questões pela tradição do pensamento filosófico.

O estudante que aprende os resultados da investigação não se torna um investigador, mas apenas um estudante instruído. Esta alusão aponta para um dos propósitos educacionais da Filosofia: todo estudante deve tornar-se (ou continuar a ser) um investigador. Para a realização desta meta não há melhor preparo que o que é dado pela Filosofia. A Filosofia é investigações conceituais, que é a investigação na sua forma mais pura e essencial.⁶

5. LORIERI, Op. cit. pág 74

6. LORIERI, Op. cit. pág 77

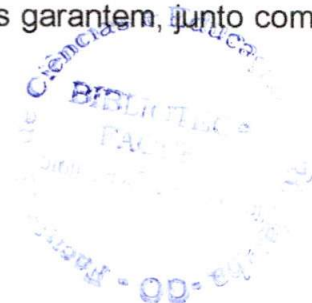
Ensinar os estudantes a filosofar é convidá-los a pensar por eles mesmos, sugerindo-lhes não esquecer, no momento de fazê-lo, certos dados que os filósofos, os cientistas, os artistas procuraram esclarecer e que dão à questão toda a sua complexidade como toda a sua dimensão. Ensinar a filosofar não é, então, apenas ajudar a tomar consciência das questões fundamentais em toda a sua amplitude, mas é, também, sugerir elementos de solução; é elucidar noções ambíguas; é lembrar de modo pertinente a "démarche" de determinado filósofo no momento em que ele encontra uma questão claramente colocada por todos; mas é sempre ajudar o estudante a ver mais claro em sua própria situação (Lagueux, 1980, p. 22).⁴

Dentro do campo dos valores e seu estudo (Axiologia) deve ser privilegiado, no ensino fundamental, o campo da Ética, no qual devem ser trabalhados os temas que dizem respeito ao bem, ao certo, ao errado, relativamente às atitudes; os temas relativos à justiça, às regras em geral e às regras de conduta em particular e aos princípios e critérios em virtude dos quais avaliamos as regras de conduta ou as próprias condutas.

Não só: crianças e jovens são sensíveis ao tema da liberdade, relacionado com o tema da regulação das condutas, bem como à possibilidade de, não sendo possível a convivência humana sem regras mínimas de conduta, poder participar no seu estabelecimento. Tal interesse encaminha aos temas relativos à organização da sociedade, à democracia, à cidadania, à autoridade, aos temas relativos aos direitos e deveres, bem como aos temas relativos ao poder e suas diversas formas na sociedade.

Todo o trabalho na sala de aula, como conteúdo próprio do filosofar, deverá haver, por parte do professor, indicações e estimulações para o "prestar atenção" nos processos do pensamento (pensamento reflexivo; metacognição) e, em especial, aos processos da conceituação, do ajuizamento e do raciocínio. E é preciso propor, também perguntas que garantam o exame constante a respeito do rigor, da profundidade, abrangência ou contextualização dos pensamentos.

Não há trabalho filosófico sem conteúdos específicos da filosofia e sem uma metodologia que seja filosófica. As temáticas filosóficas garantem, junto com a metodologia, a especificidade da abordagem filosófica.



CAPÍTULO III

3. FILOSOFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Segundo Lipman, a contribuição da filosofia às crianças é múltipla: por um lado, a filosofia é um pensamento em, sobre e entre as outras disciplinas que enriquecem o sentido da experiência educativa; por outro lado, é uma ferramenta que permite às crianças o acesso a um pensar autônomo e de alto nível, que se projeta em uma melhor capacidade de julgar. Em tal sentido, a filosofia se torna defensora de uma educação democrática, tanto ao gerar uma conscientização política e uma educação reflexiva de conceitos como: justiça, liberdade, pessoas que afetam cotidianamente as crianças quanto ao promover um crescimento nas possibilidades de comunicação, construindo um espaço de diálogo e deliberação racional daquelas mesmas questões. O propósito principal é resguardar e legitimar para as crianças um lugar na filosofia. Por fim, Lipman sugere que tratar as crianças como pessoas adultas pode ser um pequeno preço a pagar, a longo prazo, para alguns logros sociais mais substantivos. Se a filosofia trata as crianças de igual para igual, resultam bons resultados, não só para elas e para a própria filosofia, como também para os modos de vida socialmente imperantes.

A partir de sua prática filosófica, muitas crianças estão aperfeiçoando sua capacidade de conhecer, compreender e valorizar o fato de serem criança, estão aprendendo a perguntar em seu tempo e lugar. De fato sua prática filosófica tem produzido filosofias críticas da infância. A partir da própria filosofia é que as crianças vão enriquecendo substantivamente a compreensão de seu lugar no mundo social que habitam.

A prática da filosofia pelas crianças está ajudando o que as crianças progressivamente adquiram uma melhor compreensão dessa forma de exclusão gnosiológica, estética, ética, social e política que é o idadismo.

A prática da filosofia com crianças está gerando condições para que as próprias crianças possam produzir filosofias criativas da infância. Estão em gestação condições para o surgimento de filosofias das crianças, movimentos que poderão romper o império adulto em filosofia.

Serão as crianças que construirão suas filosofias e seus modos de produzi-las. Não é mostrando que as crianças podem pensar como adultos que vamos revogar o desterro de sua voz. Pelo contrário, nesse caso as haveremos cooptado, o que constitui forma de silenciá-las. Seria mais adequado preparar-nos para escutar uma voz diferente, uma razão diferente, uma teoria de conhecimento diferente e uma política também diferente.

Tudo o que as crianças necessitam é que as deixemos criar. Impor-lhes nossas criações e ainda nosso modo de criar e impor-lhes uma experiência alheia do mundo e impedir-lhes de desenvolvê-la de maneira própria. Gerar condições para que as crianças possam pintar sua própria aquarela da filosofia e do mundo é, talvez, um dos maiores desafios para nós, que compartilhamos esta idéia de reunir crianças e filosofia. É, ao mesmo tempo, uma forma de preservar a diferença num mundo que parece cada vez menos inclinado a tolerá-la.

Trata-se na verdade de levar às crianças ferramentas e métodos, onde elas tornam-se participantes de uma prática baseada no questionamento e na investigação filosófica. A filosofia não se aplica, se pratica, se vive, se tem uma experiência dela. Para isso, não pode haver receitas manuais ou fórmulas prontas, mais sim a própria filosofia, suas perguntas e seus métodos desenvolvidos ao longo de suas história.

Na verdade, nós já nascemos filósofos e não sabemos, com o passar dos anos 'e que iremos perceber, porque na realidade a filosofia é um eterno questionamento, são perguntas muitas vezes sem respostas, e quando criança esse questionamento é constante, pois ela deseja saber o porquê de tudo que se passa.

2.1. A Prática da
Filosofia com
Crianças:

e sociais. Não é qualquer filosofia que estamos praticando com crianças preciso defini-la claramente. Por um lado, devemos resgatar aquela dimensão prática do filosofar que ele tem enfatizado como poucos na história da disciplina, ele ainda concede esse filosofar de forma restrita e limitante quanto às suas possibilidades transformadoras. É preciso pensar o filosofar a partir de bases teóricas mais propícias a uma tal projeção. Não cabe à filosofia sinalizar os caminhos dessa transformação, mas contribuir para elucidar e compreender as obscenidades da atual sociedade neoliberal globalizada, bem como para pensar as condições de possibilidade de sua superação. A filosofia e a política instituída têm lógica irreconciliável. A filosofia pergunta, a política instituída afirma. A filosofia é uma forma de poder incompatível com a tomada do poder político. Ela luta, apenas, para colocar em questão as formas de poder excludente, discriminatórias e destrutivas imperantes e para mostrar as condições de possibilidade de sua superação.

desenvolvimento cognitivo da criança. Esse contato com a história aparece sem nomes próprios e não tem como objetivo qualquer aprendizado de teorias ou doutrinas. Procura-se apenas enriquecer a reflexão e o diálogo das crianças sobre as questões que as inquietam.

As principais habilidades por ele desenvolvidas são: estabelecer comparações, distinções e semelhanças, traçar analogias e símiles, inventar e contar histórias, levantar hipóteses, reconhecer ambigüidades, dar e pedir razões, distinguir boas e más razões, inferir significados, ser relevante, fazer boas perguntas, considerar intenções, pedir ajuda, responder e perguntas com outras perguntas e detectar problemas em raciocínios incorretos. Essas habilidades vão sendo internalizadas a partir da reflexão em torno de temas como história, amizade, nomes, linguagem, realidade, pensamento, tempo, espaço, sonhos, classes, silêncio, regras, liberdade, reciprocidade, meios/fins, corpo/alma. Enquanto os exercícios procuram fortalecer alguma habilidade específica de pensamento e os procedimentos mais habituais de investigação filosófica, os planos de discussão visam a formação de conceitos filosóficos nos alunos e se compõem geralmente de perguntas que lidam com um único conceito, problema ou relação. Os planos de discussão podem ser mais ou menos abertos, segundo encaminhem o aluno para uma ou algumas interpretações de um conceito ou o abram de forma menos diretiva. Mas nem todos os planos de discussão contem perguntas. Eles podem apenas colocar um problema que, se espera, provocará o debate.

Lipman foi o primeiro filósofo a levar a sério uma fundamentação teórica que permita colocar a filosofia como ferramenta – chave na educação das crianças, levou tão a sério a idéia, que elaborou não apenas uma fundamentação teórica para ela, mas também deu origem a um dispositivo prático e institucional para viabilizá-la. Filosofia é uma dimensão insubstituível da educação quanto a educação é uma dimensão insubstituível da filosofia. Sem sua projeção educacional, a filosofia se torna vazia; sem sua dimensão filosófica, a educação se torna cega. Porém, tanto a filosofia quanto a educação são práticas históricas

A filosofia na escola primária fornece um espaço que possibilita às crianças refletirem sobre seus valores, assim como sobre suas ações. Graças a estas reflexões, as crianças podem começar a perceber maneiras de rejeitar aqueles valores que não estão a altura dos seus padrões e de guardarem aqueles que estão.³

(Lipman apud Kohan ...)

As relações entre filosofia e infância vêm de longa data, já para os antigos filósofos gregos a infância não passou despercebida. Nada disso. Nos testemunhos que conservamos dos primeiros filósofos pré-socráticos, nos albores do século V a C., aparece uma referência à criança como uma imagem que fala do tempo-destino. Heráclito diz “o tempo é uma criança que joga as damas: o reino de uma criança”. Ele está falando do tempo-destino, do tempo-devir, do tempo da vida humana, como se esse tempo fosse uma criança que brinca um jogo que parece com nosso jogo de damas. Nesse jogo o decisivo não é a sorte, mas a capacidade de situar-se na luta, saber bloquear o caminho do adversário e ultrapassar suas defesas. O tempo, enquanto devir, é uma criança que joga, diz o enigmático Heráclito, como se a lógica do devir fosse a mesma lógica de um jogo e como se o tempo tivesse a mesma relação de poder sobre o nosso devir que a criança tem sobre esse jogo.

Há mais de trinta anos existe um movimento que se propõe a levar a filosofia à educação das crianças. Lipman é o fundador do movimento por levar sistematicamente a prática da filosofia à educação das crianças. a prática da filosofia, o fazer filosofia é, segundo autor, ferramenta indispensável dessa tarefa, não só fundamentou teoricamente o papel da filosofia na educação das crianças, como também desenvolveu uma metodologia e um currículo para levá-la às escolas.

Ele concebe a prática da filosofia como meio para o desenvolvimento de algumas habilidades de raciocínio, a partir daquelas questões essenciais ao ser humano – como verdade, amizade e beleza, que constituem os temas perenes da filosofia através de sua história. As habilidades desenvolvidas estão acordes ao

3. KOHAN, Walter Omar. **Filosofia para crianças**: A tentativa pioneira de Matthew Lipman. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998. pág 51.

Capítulo II

2. Filosofia para Crianças

perguntas relevantes. Embora que a história da filosofia não é um processo filosófico (mas faz parte dele), mesmo assim, contribui na eliminação das perguntas não relevantes, e apresenta as várias possibilidades e probabilidades etc.

na China e **sabedoria** na Grécia. Sabemos pois que o pensamento filosófico não é propriedade de ninguém ou nação alguma.

Diz Platão: A filosofia é o desenvolvimento e o uso do saber em benefício do homem." Esse desenvolvimento se dá pelo uso da razão, ou seja, a busca que não determina que sou o dono da verdade ou do conhecimento, mas sim um amante, um observador. Observação essa que nos leva a perguntar se a filosofia não é importante primeiro para mim e depois para o outro, como podemos perceber na seguinte afirmação: "A riqueza da filosofia reside na sua pluralidade. Não há uma, mas várias filosofias". Portanto, a resposta às minhas perguntas encontra-se primeiro naquilo que me atormenta.²

A filosofia, portanto, é o despertar para o novo, sem preocupar-se em desmontar a estrutura que já fora construído ou que nós construímos. A filosofia nos permite uma busca incessante do nosso conhecimento, não pensar que por que sou "filósofo" sou o único que possui a verdade, o conhecimento e o saber. Mas perceber que sou apenas um intermediário do conhecer e do saber, da busca e da pesquisa.

Portanto, filosofia nada mais é do que perguntamos sem refletir sobre o próprio perguntar, sem indagar pelo significado dessa operação da inteligência que se acha na raiz de todo conhecimento e de toda ciência. É aí que a pessoa adota a atitude filosófica do ser que não é apenas pensante, mas que faz do pensar uma arte de viver e buscar conhecer o desconhecido.

A filosofia tem como objetivo o desenrolar do desejo desinteressado e irrestrito de saber. Neste processo filosófico cada "descoberta" é uma contribuição importante na satisfação do desejo d saber, pois provoca, convida, organiza outras perguntas, dúvidas e pesquisas para ir mais além para encontrar outras descobertas. Assim a filosofia é mais do que saber das conquistas e descobertas dos sábios na história. É compreender a posição deles, é uma busca intelectual de uma compreensão teórica, alcançada só quando só quando não surgir mais

2. Aristóteles: a plenitude como horizonte do Ser. Pág. 91.

sentido a filosofia abre um leque para a construção do saber. Pois há, com certeza uma contribuição decisiva da filosofia para o alcance dessa finalidade; pois ela nasceu com a declarada intenção de busca o Verdadeiro, o Belo, o Bom e saber explicar o que são.

A filosofia é compreendida como sendo a disciplina geral dos seres, dos princípios e das causas. É definida também como sendo “amor a sabedoria”, chega-se a esse significado partindo da definição etimológica da palavra FILOSOFIA, que é formada pela fusão de dois termos gregos “philos” (amante) e “sophos” (saber). Daí definir como filósofo aquele que pratica a filosofia. Segundo Cícero, o criador do vocabulário “filósofo” fora Pitágoras, quando o príncipe de Leonte perguntou ao grande matemático grego em que ciência era versada, Pitágoras respondeu: “Em nenhuma, sou apenas um filósofo, isto é, uma amante da sabedoria”. Entretanto o primeiro a usar o termo filosofar foi o historiador Heródoto (484 a .c. – 425 a .c.).

A filosofia nos primórdios das civilizações orientais, época essa conhecida como fase mítica ou antifilosófica, a razão estava alienada, isto é, presa às forças ocultas e divinas, aos reflexos do meio ambiente, ao animismo e ao fetichismo. Para uma melhor compreensão, animismo é o sistema filosófico segundo o qual a alma é a causa primária tanto dos fatos vitais como dos fatos intelectuais. O fetichismo é entendido como uma crença primitiva de que a posse de um determinado objeto daria ao seu possuidor a proteção do espírito que nesse objeto reside. Temos também o mito, que é um contexto explicativo, não lógico, muitas vezes fantástico, motivado pelo meio físico e humano em que vive a coletividade.

Não sabemos dizer ao certo onde e como surgiu a filosofia; segundo o estudioso francês Masson-oursel, ao contrário do que se pensa, a filosofia surgiu na Índia e não na Grécia, como nos ensina muitos filósofos pré-socráticos. Podemos também questionar: “será que a filosofia não surge, o homem e mulher?”. Nesse contexto a filosofia foi entendida como: **salvação** na Índia, **ética**

pensamento que Platão tem a respeito do real e fácil de entender quando lemos “a alegoria da caverna”, onde em linha gerais ele diz que os homens vivem acorrentados em seus próprios medos e acreditam ser o mundo projetado pela sombra que vem da luz de fora da caverna o real, ou seja, a imagem verdadeira.

A filosofia nos permite diante desse pressuposto o fato de podermos fazer a seguinte pergunta: o pensamento é o mundo real?, ou será que pensar não é uma imagem da sombra e não do real? Mas como nos colocar diante desse questionamento? Qual deveria ser a nossa atitude? Dar a resposta pronta e acabada? Penso que a filosofia não se preocupa com a resposta de imediato, pois ela indaga o próprio interlocutor e a pergunta que lhe é feita.

É pensando assim, que a filosofia assume uma dimensão muito mais ampla do que antes apresentada. Pois não preocupa em dar resposta às indagações ou do porque do modo de agir ou de pensar do ser humano. Outro aspecto que envolve a pessoa humana é a respeito da existência do SER. E preocupados com essa última idéia apresentada, surge no Ensino Médio a disciplina Filosofia, nela o professor se depara com os mesmos questionamentos a respeito da vida, apresentados inicialmente, mas que agora são feitos dentro de um contexto escolar tais como: “para que serve a filosofia?”, “é mesmo necessária esta disciplina ou ela é apenas para mostrar que este colégio tem na estrutura curricular mais disciplina do que os outros?”, ou ainda “filosofia não cai no vestibular, por que temos de estudá-la?”. Questões surgidas, na maior parte das vezes, logo nos primeiros contatos do aluno com essa “nova realidade”.

Sendo assim, a resposta a cerca do que é ou para que serve a filosofia, não se encontrará em nenhum dicionário ou enciclopédia, pois se assim fosse não teria porque existir a filosofia. Talvez uma atitude que podemos adotar para uma melhor compreensão a respeito da filosofia seria a pesquisa, a busca, o despertar para o desconhecido, que talvez não seja tão desconhecido quanto imaginamos. Essa busca nos faz entender ou compreender melhor o que diz a LDB: “o aprimoramento do educando, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.” Nesse

Origem da Filosofia

(...) Foi com efeito, o espanto que levou, como hoje, os primeiros pensadores à especulação filosófica. O início seu espanto dizia respeito às dificuldades que se apresentavam, em primeiro lugar, ao espírito; depois, avançando pouco a pouco, estenderam sua exploração aos fenômenos mais importantes, tais como os fenômenos da Lua, os do Sol e das estrelas e, enfim, à gênese do universo. Ora, perceber uma dificuldade e espantar-se é reconhecer a própria ignorância; por isso mesmo o amor dos mitos é, de alguma maneira, amor pela sabedoria, pois o mito resulta do maravilhoso. Portanto, se foi para escapar da ignorância que os primeiros filósofos se dedicaram à filosofia, é evidente que eles perseguiam o saber em vista apenas do conhecimento e não para um fim utilitário. E o que se passou na realidade fornece a prova disso: quase todas as necessidades da vida e as coisas que interessam ao seu bem-estar e à sua manutenção já tinham sido satisfeitas quando começou a busca por uma disciplina deste gênero. Concluo que não temos em vista, em nossa pesquisa, nenhum outro interesse. Mas da mesma forma que chamamos livre àquele que é para si mesmo o seu próprio fim e não existe para outro, assim esta ciência é também a única entre as demais que é livre, uma vez que ela é para si o seu próprio fim.(...)¹

A filosofia é um tipo de reflexão que nasceu das discussões que os gregos travavam em praça pública, abordando a vida cotidiana, nada tendo de eminentemente abstrato. Entretanto, tais discussões eram feitas por cidadãos, uma camada economicamente privilegiada dos gregos.

A filosofia é entendida como sendo a paixão que o homem busca no saber. Ela procura o ser dos seres, enquanto SER. A filosofia permite o aprimoramento e as qualidades trazidas na preocupação de apresentar a pluralidade e a riqueza das filosofias mediante um texto claro, sintético e adequado àqueles que iniciam ao estudo filosófico. Ela tem a capacidade de aclarar as relações de poder que se travam na realidade, por isso, devemos saber utilizá-la como uma das formas de reprodução do mundo desigual.

Diz Platão que o homem vive preso a uma falsa imagem do real. Segundo ele não contemplamos em geral a própria realidade, mas apenas imagens que estão para o real como a sombra de um objeto para o próprio objeto. Esse

1. Aristóteles: a plenitude como horizonte do Ser. Pág. 91.

Capítulo I
1. O que é
Filosofia?

seja, encontrar respostas para questões propostas, o pensar por si próprio é levar os jovens a considerar o estudo da filosofia como papel decisivo no contexto de perplexidade ao questionar, retomar, mergulhar na realidade, refletir sobre o que estão fazendo.

A filosofia é um espaço em que podemos avivar a luz que existe em todos nós. É voltar-se para a luz que já somos. Ela é o pensamento que busca o encontro e o encontro é o descobrimento de nosso ser, do outro e da realidade que nos cerca.

Este trabalho monográfico nos mostra o quanto a filosofia é fundamental em nossas vidas, principalmente quando iniciada precocemente. Também aborda o problema da formação pedagógica do professor de filosofia investigando sua profissionalização e formação de pesquisadores capacitados a transmitir aos jovens e crianças a maneira de questionar, refletir e indagar.

Ensinar Filosofia enquanto disciplina escolar implica determinar uma ordem de conhecimentos e práticas a que se poderia denominar “ordem da transmissibilidade”, inscrita na própria história da Filosofia.

Veremos a sua Origem, seu uso para Crianças como também a prática no Ensino Médio e no Ensino Fundamental e principalmente o pensar por si próprio, pois antes existia muito “decoreba”, os alunos pareciam fantoches, faziam e pensavam como os professores queriam.

Na Educação Tradicional, o aluno vinha à escola ouvir aulas: chegava na hora do início da primeira aula e se retirava apressadamente no instante em que batia o sinal do término da última aula. Na Educação Nova a escola se transforma numa grande família, de ambiente agradável e alegre, onde os alunos comparecem com prazer e deseja permanecer o mais possível, isso acontece porque os tempos mudaram e com certeza para melhor.

É neste sentido que este trabalho foi elaborado, para que os leitores percebam que isso ocorre graças a filosofia, que é um estudo que busca abrir a mente das pessoas, tornando-as mais aptas a buscar um conhecimento mais profundo. A filosofia tanto no ensino fundamental como no ensino médio é algo que transforma a vida do ser humano desde cedo, despertando em cada um seu senso crítico, sua capacidade de querer sempre mais, isso porque antigamente a filosofia era tida como uma matéria “chata”, própria de intelectuais, a filosofia pretende desmistificar esta idéia, mostrando que filosofar pode ser um exercício gostoso.

Com a filosofia, aprendemos a analisar os elementos que compõem a existência do ser-no-mundo, avivamos nossa própria luz interior, fazemos um exercício de aproximação e de encontro com o que é buscado. o método do pensamento reflexivo se constitui no caminho para se conhecer a realidade, ou

Introdução

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA

Monografia apresentada no dia 24 de novembro de 2003, como partes das
exigências do Curso de Filosofia

Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos
Orientador e Professor

Helena de Fátima Araújo
Orientadora

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I	
1. O que é Filosofia?.....	10
CAPÍTULO II	
2. Filosofia para crianças.....	16
2.1. A prática da filosofia com crianças.....	20
CAPÍTULO III	
3. Filosofia no Ensino Fundamental.....	23
3.1- Desenvolver o “pensar por si próprio”.....	30
3.2- Desenvolvendo habilidades básicas de pensamento.....	32
CAPÍTULO IV	
4. Filosofia no Ensino Médio.....	35
CONCLUSÃO	41
BIBLIOGRAFIA	44

AGRADECIMENTO

A DEUS:

“Quanto mais nos aproximamos do saber, mais torna-se concreta a certeza da nossa existência, pois a sabedoria é uma conquista que eternamente buscamos e ela está em nós.

Nenhum louvor é tão perfeito para agradecer a vossa presença em nossas vidas”.

Sabemos que Deus está presente em todos os nossos pensamentos e ações, Ele nos guia pelos nossos caminhos e está sempre a nos amparar ao depararmos com os momentos difíceis, transformando-os em forças para vencermos estes obstáculos, pois é somente através dessa certeza e fé que seremos livres e felizes.

A Deus que incomparável e inconfundível na sua infinita bondade, compreendeu os nossos anseios e nos deu necessária coragem, para atingir meu objetivo.

ESPOSO E FILHA:

Tantas foram as vezes que meu cansaço e preocupação foram sentidos e compartilhados por vocês, com seu feito singular cheio de generosidade me deram sempre as mãos me fortalecendo para que tomasse meu caminho e prosseguisse.

Portanto esse mérito eu divido com vocês.

Meus sinceros agradecimentos: Obrigado!

Agradeço ainda aqueles que com sua presença, companhia, sorriso, as suas palavras e que até mesmo na ausência, foram expressões de força, de amor profundo, sempre me transmitindo segurança para que alcançasse meus objetivos.

MÁRCIA REJANE RIBEIRO PONCIANO FERREIRA,



FILOSOFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO

Monografia elaborada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Filosofia, da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER, tendo como orientador o professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

FACER

2003

5.30703

Tombo nº	8452
Classif.:
Ex.:	1.....
.....
.....
Origem:	d.....
Data:	16.03.04.....

CESUR – CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE RUBIATABA

**FACER – FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE
RUBIATABA**

**FILOSOFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL
E ENSINO MÉDIO**

MÁRCIA REJANE RIBEIRO PONCIANO FERREIRA

RUBIATABA – GOIÁS

2003